

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ  
2 e 7 de junho de 2025

## FLAMINGO ROAD/ 1949

### O Caminho da redenção

#### Um filme de Michael Curtiz

**Realização:** Michael Curtiz/ **Argumento:** Robert Wilder (não creditados: Ranald MacDougall, Richard Brooks), segundo o romance epónimo de Robert Wilder e a peça de Robert e Sally Wilder; **diálogos adicionais:** Edmund H. North/ **Fotografia:** Ted McCord/ **Direcção Artística:** Frank Mattison/ **Montagem:** Folmar Blangsted/ **Música:** Max Steiner/ **Intérpretes:** Joan Crawford (Lane Bellamy), Zachary Scott (Fielding Carlysle), Sydney Greenstreet (Titus Semple), David Brian (Dan Reynolds), Gladys George (Lute Mae Sanders), Virgínia Huston (Annabelle Weldon), Fred Clark (Doc Waterson), Gertrude Michael (Millie), Alice White (Gracie), Sam McDaniel (Boatright), Tito Vuolo (Pete Ladas), Iris Adrian (Blanche), etc.

**Produção:** Jerry Wald, para a Warner Bros./ **Cópia:** DCP, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português/ **Duração:** 95 minutos/ **Estreia Mundial:** New York, 6 de Maio de 1949/ **Estreia em Portugal:** cinemas Odeon e Palácio, 21 de Fevereiro de 1951

\*\*\*\*\*

Ao lado de Bette Davis, sua grande rival e inimiga de estimação, Joan Crawford foi indubitavelmente a rainha do melodrama na década de quarenta. O título serve de forma perfeita a Joan, especialmente na segunda metade dessa década, graças a meia dúzia de filmes feitos para a Warner, a partir do inesperado sucesso que foi **Mildred Pierce/Almas Em Suplício** que deu à actriz (finalmente) o Oscar para a melhor interpretação. A sua personagem de mulher madura, e “com um passado”, ambiciosa e determinada, procurando ainda uma oportunidade (a última?) de amar, torna-se um motivo mais ou menos recorrente nos filmes seguintes: **Humoresque/Fascinação**, **Possessed/Loucura de Amor**, **Daisy Kenyon/Entre o Amor e o Pecado**, **Flamingo Road** e **Harriet Craig/A Última Mentira**.

De todos estes filmes, **Flamingo Road** talvez não tenha sido o de maior sucesso, mas é, sem dúvida, o mais significativo e importante. E é também o mais claramente influenciado pelo êxito de **Mildred Pierce**, a quem vai buscar não só os dois principais intérpretes (a Crawford e Zachary Scott) como também o realizador, Michael Curtiz. Foi, aliás, uma imposição da actriz para aceitar o papel, que o realizador fosse o mesmo que a dirigira no filme que a consagrara junto da Academia de Hollywood.

Embora o papel de Lane Bellamy assente como uma luva a Joan Crawford, não foi ela a primeira intérprete prevista, pelo menos quando pela primeira vez a Warner pensou fazer o filme, em 1942. O argumento adaptava o romance de Robert Wilder, publicado no ano anterior e que fora um sucesso de vendas. Mas o tema, o da corrupção política, não era aconselhável para o período que se vivia, com o país em guerra, pelo que a ideia foi posta de parte. No final do conflito, Robert Wilder, adaptou, com a sua mulher, o seu romance ao palco. Apesar

de, agora, ter fracassado na Broadway, a Warner resolveu retomar o projecto, contando com Ann Sheridan para o papel principal. Contudo a atriz acabou por recusar porque considerava que o argumento se desviava muito do romance. É evidente que tal era inevitável. A censura estava ainda bastante activa e tinha agora um aliado de peso, a Comissão de Investigação de Actividades Anti-Americanas que se lançava em força a Hollywood. Warner, que tinha, entre outras coisas, que “justificar” um filme como **Mission To Moscow**, não queria arranjar conflitos com a Comissão, pelo que a história teria de ser bem “peneirada”. O argumento teve, ao longo dos dois anos de elaboração e mudanças, a participação de dois argumentistas que depois passaram à direcção, Richard Brooks e Ranald MacDougall. Apesar do argumento apenas estar assinado, no genérico, por Robert Wilder, a influência dos dois argumentistas é facilmente visível, em especial a de MacDougall (que como realizador dirigiria, na década seguinte, a Crawford em **Queen Bee/A Abelha Mestra**), que fora co-argumentista de dois outros filmes com Joan Crawford (**Mildred Pierce** e **Possessed**). Se a aproximação com **Mildred Pierce** é notória, **Flamingo Road** apresenta também muitas semelhanças com outro filme por ele escrito, e também dirigido por Michael Curtiz, o nosso bem conhecido **Bright Leaf/Fumos de Ambição**. Basta trocar as personagens de Joan Crawford no filme que vamos ver pela de Gary Cooper no outro, para vermos como elas se aproximam nas situações, nas ambições e nos métodos. Em ambos trata-se, antes de mais de um desejo de promoção social, que será também uma vingança contra os que procuraram destruir ou afastar do seu meio a personagem.

Mas **Flamingo Road** é muito mais “político” do que **Bright Leaf**. Aliás, o filme de Michael Curtiz talvez seja o mais forte “melodrama político” de um período que procurou, antes da grande purga da HUAC, expor a corrupção política, de forma mais aberta do que se fazia na década de trinta nalguns filmes de Frank Capra e Mervyn LeRoy (e inclusive num burlesco de Sam Taylor com Harold Lloyd, **The Cat’s-Paw/Harold Missionário**). Se o filme consegue ter um impacto inesperado, que sobreleva, inclusive, o muito famoso (e sobrevalorizado **All the King’s Men**, de Robert Rossen), é porque o que tem a dizer se desenvolve a par e passo com a história melodramática de Lane Bellamy e da sua promoção social. Se **Flamingo Road** não foi um sucesso maior do que **Mildred Pierce** (sendo, como já referi, bastante superior), talvez seja porque dificilmente se encontra na história uma personagem “positiva”, com a qual o espectador “bem-intencionado” se possa identificar. De um lado e do outro do confronto político, todos se vendem e compram, todos estão corrompidos, mesmo Dan Reynolds (David Brian, na sua estreia no cinema) a que as reviravoltas finais procuram dar uma feição mais simpática (para justificar o mais ou menos ambíguo “happy-end”). É ele que, a certa altura, diz, a propósito das eleições manipuladas, que “o povo tem o que merece” dado o desinteresse que manifesta. Doc Waterson (Fred Clark, editor e representante da “oposição”, ainda diz que a “Constituição tem formas de resolver a situação”, afirmação cuja conclusão não faz mais do que contradizer (no fim de contas, se vermos para além das aparências, isto é, a fotografia que “parece” ilibar Lane, percebe-se que é o poder político de Dan, que resolverá, a seu contento, a situação, justificando, assim, o “happy end”). Mas se o filme é um confronto de classes, este não se trava em termos ideológicos. Tudo se centra no combate entre duas vontades, representadas por Lane (uma bailarina na feira que se encontra na cidade) e o *sheriff* local, Titus Semple (Sidney Greenstreet, na sua penúltima aparição no cinema, numa soberba composição à altura da que dera no ano anterior em **Ruthless**, de Edgar G. Ulmer), que domina com mão de ferro o condado e impõe a sua vontade através da corrupção e manipulação das eleições.

Uma palavra ainda para a fabulosa fotografia de Ted McCord, e para a direcção de Curtiz, que têm aqui um dos seus melhores trabalhos.

Manuel Cintra Ferreira